

O QUE É SER HOMEM?: Debatendo Masculinidade com Adolescentes em Conflito com a Lei

What is it to be a Man?: Debating Masculinity with Adolescents in Conflict with the Law

Bruna Mirelle da Cunha Silva¹

Eduarda Couto Garrido Fonseca²

Emília Bezerra de Miranda³

RESUMO: O presente artigo objetiva elaborar um produto educacional para profissionais do sistema socioeducativo que sirva de base no processo de reflexão sobre padrões estereotipados de masculinidade em adolescentes em conflito com a lei, baseado numa revisão integrativa de literatura utilizando, de forma parcial, o Modelo de *Design Instrucional* (ADDIE), tendo seus resultados apresentados no formato de um guia sobre a masculinidade de jovens em conflito com a lei, visando possibilitar a ampliação das discussões sobre o tema, bem como auxiliar uma melhor qualidade de vida aos sujeitos e uma contribuição para o entendimento acerca desses comportamentos e suas implicações cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Masculinidade; Gênero; Medidas socioeducativas.

ABSTRACT: This article aims to develop an educational product for professionals in the socio-educational system that serves as a basis for reflecting on stereotyped patterns of masculinity in adolescents in conflict with the law. It is based on an integrative literature review using, in part, the Instructional Design Model (ADDIE), with the results presented in the form of a guide on the masculinity of young people in conflict with the law. The aim is to broaden discussions on the subject, as well as to help improve the quality of life of these individuals and contribute to the understanding of these behaviors and their daily implications.

KEYWORDS: Adolescence; Masculinity; Gender; Educational measures.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, a denominação e diferenciação dos sexos possuía relação a questões referentes à esfera moral, política e cultural, atribuindo-se a mesma um caráter de construção ideológica (Butler, 2019). O fato de que os dois gêneros carregam corpos e subjetividades diferentes atribui determinadas características que, até então, seriam compartilhadas por todos. O corpo aqui era pensado como naturalmente dimórfico, como uma folha em branco, que aguarda a inserção da cultura que, por meio de uma série de significados, injetados no sujeito desde a infância, assume o gênero (Oliveira & Alves, 2017). Então, o que se via nos séculos

1 Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) | <https://orcid.org/0009-0000-0021-0989>

2 Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) | <https://orcid.org/0009-0002-8193-7307>

3 Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) | <https://orcid.org/0000-0001-6447-3307>

passados era a noção daquilo que se encaixa como masculino atrelada à imagem de virilidade e provedor da casa.

A entrada das mulheres no mercado de trabalho, entre outras pautas discutidas pelo feminismo, desde os seus primórdios, representou marcos nas mudanças de percepções sobre o que é ‘ser homem’ (Praun, 2011), defendendo que essa construção se baseia nas histórias, experiências e subjetividades dos sujeitos que nunca são formadas sozinhas. Neste contexto, é necessário compreender que, quando alguém nasce, a definição imposta do gênero dá início a uma série de práticas que vão compor a forma que esse indivíduo se insere na sociedade, sempre numa relação de poder e diferentes modos de viver a partir de uma base heteronormativa (Cadilhe, 2018), onde a heterossexualidade é forçada pela sociedade patriarcal para moldar as pessoas dentro de um padrão que se é esperado. Contudo, essa padronização é responsável pela formação de uma organização hierárquica, de restrição da sexualidade feminina e da opressão da homossexualidade (Herz & Johansson, 2015).

Dentro dessa perspectiva, o gênero masculino apresenta como característica principal a masculinidade como sinônimo e símbolo da virilidade do homem (Herz & Johansson, 2015). É importante salientar que tal conceito surge dentro de uma época específica: a Revolução Industrial, sendo este um momento da história em que tanto o papel da figura masculina quanto da feminina atravessam por modificações que acabam por sustentar o privilégio masculino – este, sendo pautado nessas relações de gênero, não se manifestando apenas em medidas de forças físicas, mas também das simbólicas. Tal fato é explicitado pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1997), ao usar o termo ‘dominação masculina’ para explicar que, no decorrer do desenvolvimento do homem enquanto espécie, foram instituídas e reproduzidas determinadas relações de violência simbólica que são compartilhadas de forma consciente e/ou inconsciente entre dominantes e dominados. E é, com base nesse ideal, que o menino começa a construir sua masculinidade (Herz & Johansson, 2015), onde a influência exercida sobre esse sujeito é compreendida como *scripts* de gênero, entendidos como espécies de roteiros que constroem uma determinada cultura, educando comportamentos em consonância ao sexo biológico (Schreiner, 2014).

É importante compreender que a masculinidade não afeta somente as relações dos homens e seu meio, mas também sua saúde. Como o modelo de masculinidade da sociedade define e orienta um certo agir sexual e social dos indivíduos, há influências no desenvolvimento de quadros mais ou menos graves nos índices de morte por doenças específicas nessa população (Vinuto, Abreo & Gonçalves, 2017). Por ser visto como sinônimo de poder e estar inserido numa posição privilegiada na hierarquia social, ao homem é excluído o reconhecimento de suas diferenças, incluindo sintomas e doenças, o colocando na posição ilusória de estar acima de qualquer vulnerabilidade. Tais comportamentos e ideais não são formados somente na fase adulta, mas, como já dito anteriormente, devido ao seu caráter geracional, se apresentam desde cedo na vida masculina, sendo mais fortemente durante a adolescência.

Esta etapa da vida, por ser marcada pela ambiguidade e dicotomia entre as noções de ser criança e ser adulto, possui repercussões futuras ao indivíduo (Ariés, 1986), onde os papéis sociais e identitários são marcados tendo como características o desenvolvimento de todas as áreas endógenas do sujeito, além dos esforços do mesmo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive – procriação, produção social, entrada no mundo do trabalho, aquisição de responsabilidades, entre outras (Calligaris, 2000). Entende-se, assim, que é demandado do adolescente sua socialização, com o intuito de que o mesmo seja capaz de integrar e se adaptar à sociedade, objetivando e possibilitando o alcance de sua autonomia, independência e autogerência (Ozella & Aguiar, 2008). É necessário, então, compreender que essa

capacidade pode se diferenciar quando o adolescente não corresponde ao padrão da sociedade, por exemplo, sendo um indivíduo branco, cisgênero e heterossexual.

As modificações e demandas referentes a esse período da vida humana produzem, também, transformações na representação social do adolescente e em seu psiquismo, bem como sua subjetividade que, de acordo com Salles (2005), tem sua construção marcada pelos eventos históricos, culturais e sociais nos quais esse sujeito se encontra inserido e, além disso, suas vivências e experiências vão determinar seus comportamentos e sua individualidade. Isto porque, por ser um momento marcado por uma certa instabilidade e mudanças, o adolescente experimenta ciclos em seu sistema psíquico que têm caráter de desorganização e reorganização (Valente, 2012), ou seja, ele questiona sua identidade e existência, fazendo elaborações voltadas para suas futuras perdas, afinal, ele precisará deixar para trás seu corpo infantil e sua dependência dos pais, por exemplo; para reflexões, pois será preciso repensar suas responsabilidades, bem como sua autonomia; e para tomada de decisões em si, já que a entrada na vida adulta é marcada por uma série de escolhas que irão impactar todo o seu futuro.

Contudo, na atualidade, essas construções não possuem um caráter tão linear quanto antigamente, visto que as relações sociais se modificaram ao longo do tempo (Salles, 2005). Do mesmo modo, os fatores que influenciam para o aparecimento de comportamentos transgressores e delinquentes, característicos dessa fase da vida, podem variar de acordo com os contextos e espaços ocupados por esses sujeitos (Nardi & Dell'Aglio, 2010).

No cenário brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), correspondente à Lei n. 8.069 (1990), prevê que a adolescência dura dos 12 aos 18 anos, enquanto o Ministério da Saúde e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgãos referentes às normas e políticas de saúde, admitem o intervalo dos 10 aos 24 anos (Eisenstein, 2005). Do ponto de vista jurídico, o ECA (1990) afirma que é dever da família e do Estado a garantia de efetivação dos direitos assegurados à criança e ao adolescente, no que se refere a diferentes aspectos de sua vida, tais como saúde, educação e lazer, ou seja, para que o adolescente se desenvolva da forma entendida como ‘positiva’, é necessário que esses dois agentes, em conjunto com outras instituições, mantenham um ambiente propício para tal. Entretanto, nem sempre esses direitos são garantidos.

Quando o núcleo familiar é fragilizado, não amparando o adolescente como deve ser, gera uma situação vulnerável que pode resultar na delinquência – como já dito anteriormente –, na marginalização, no alcoolismo, no uso de drogas lícitas ou ilícitas, na prostituição ou maternidade precoce, o que pode levar a um aumento considerável dos índices de violência (Rocha, 2020). Estas condições às quais estão submetidos impedem a melhor efetivação do desenvolvimento físico, psíquico e social, em condições de liberdade e dignidade.

Entre os vários fatores que podem influenciar o comportamento infrator, há um grupo de variáveis familiares consideradas indicadoras dessa conduta, tais como o uso de drogas e a prática de delito por algum membro da família, número de irmãos e práticas parentais violentas, como punições físicas e negligência (Rocha, 2020), sendo essas condutas aprendidas e internalizadas por meio da identificação com tal parente. É necessário entender que esses fatores podem levar a uma mudança na configuração social do adolescente e de quem o cerca (WHO, 1986). Dessa forma, a figura do adolescente infrator (Nardi & Dell'Aglio, 2010) corresponde ao jovem que cometeu algum tipo de infração, ou seja, infringiu as leis jurídicas do Estado e que, em casos mais graves, acaba levando a medidas de restrição e privação da liberdade (Assis & Constantino, 2005).

Além da visão de teor jurídico, citada anteriormente, há ainda a visão dessa identidade marcada por uma cultura simbólica (Marinoski, 2016) em que se atribui esse *status* a jovens com

famílias ‘desestruturadas’, sem condições básicas de moradia e educação, por exemplo, conceito este, atrelado à noção de que a pobreza e a miséria seriam mecanismos condicionantes para a prática de atos infratores (Campista, 2004).

Entretanto, essa noção só serve para fortalecer o estereótipo de que arranjos familiares que não se encaixam numa categorização tida socialmente como ‘normal’ seriam o principal motivo de sustentação da violência e criminalidade, bem como o aumento desta. De certo, alguns fatores de risco ambientais que podem ser citados envolvem o baixo nível socioeconômico, a estruturação familiar e ausência de apoio social (Nardi & Dell’Aglio, 2010), contudo, esses aspectos não são determinantes nesse contexto, visto que famílias com maior poder aquisitivo e seus membros não estão isentos de cometer atos infracionais ou de violência de qualquer natureza.

De acordo com dados do ano de 2017, levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2017), houve um aumento crescente no encarceramento de adolescentes no país, onde esse número passou de 4.245 para 24.628, sendo o principal crime praticado por menores no Brasil o roubo (45%), em seguida o tráfico de drogas (24%), homicídio (9,5%) e furto (3,3%). Por outro lado, ao se levantar dados da violência, pode-se apontar que as principais vítimas de homicídios são jovens negros, do sexo masculino, com alta evasão escolar e moradores de regiões periféricas, como mostram dados do mesmo órgão apenas dois anos depois (FBSP, 2019), explicitando alguns dos fatores de risco encontrados para essa população.

A noção e problemática em torno do adolescente infrator são amplas, inclusive no que se refere ao seu conflito em si, pois ele não diz respeito somente à lei, como também à subjetividade coletiva, presente na sociedade que assume o papel de juiz (Ciarallo & Almeida, 2009). Isso porque, de acordo com a Teoria das Representações Sociais (Lima, 2003), o conhecimento da realidade se desenvolve por meio das vivências de grupos, abrangendo as relações e comunicações cotidianas de tais aglomerados. Desse modo, existem valores e significados que permeiam o âmbito social que podem fortalecer ideias ou movimentos de exclusão dentro das sociedades (Lima, 2003). De acordo com Foucault (2014), há uma tentativa de controle daqueles que não seguem condutas lidas como corretas socialmente, justamente porque os mesmos transgridem, infringem ou evitam essas leis, sendo tais discursos, presentes no meio social, fomentadores da exclusão.

Além disso, tal controle não opera somente na esfera comportamental, mas também sobre os corpos e a sexualidade, e se mostra presente, também, na vivência da cadeia (Foucault, 2014), onde os corpos que fogem a isso são repudiados e não culturalmente aceitáveis, parecendo não haver lugar para que esses homens performem suas reais subjetividades, ou seja, quem realmente são (Faustino, 2019). Por causa de tais adversidades mencionadas anteriormente, o gênero, as sexualidades e masculinidades, na atualidade, adquirem cada vez mais relevância dentro e fora dos muros institucionais (Faustino, 2019).

O ECA (1990), como já posto, garante os direitos dos adolescentes em diferentes esferas, entretanto, os direitos sexuais e reprodutivos são assegurados apenas na assistência à saúde em casos de estupro, violências e doenças sexuais, por exemplo, não ampliando para o direito à diversidade de gênero e sexual dos adolescentes. Como resultado dessa falta de assistência, estudos (Welzer-Lang, 2011) apontam que muitos dos atos de violência – contra mulheres, grupos LGBTQIa+ ou com os próprios parceiros de cela – revelam intolerâncias geradas pela passividade quanto ao binarismo sexual, como a noção de masculino/feminino; do sexismo e da misoginia; da busca de uma pretensa virilidade e suas consequências, como a bi/lesbo/homo/transfobia. Todas essas intolerâncias são apontadas por Faustino (2019) em sua pesquisa no Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE), por meio da presença de

falas de cunho homofóbico entre adolescentes que expressam e reforçam a exclusão dos corpos considerados diferentes, propagando uma masculinidade viril e brutal entre os sujeitos dessa faixa etária.

Tendo como base tal discussão, o presente artigo propôs a elaboração de um material educativo construído com o objetivo de auxiliar profissionais de instituições voltadas para a socioeducação de adolescentes em conflito com a lei na discussão e, consequentemente, na desconstrução e reflexão de padrões estereotipados da masculinidade, compreendendo as medidas socioeducativas e o contexto social que envolve esses sujeitos, por meio de dinâmicas grupais, defendendo sua realização como estratégias possíveis dentro desse processo de (des)construção, entendendo que esses fatores afetam não só o ambiente em que vivem, mas suas próprias capacidades relacionais. Sua relevância está diretamente ligada à compreensão desse fenômeno e à possibilidade de levantar o debate acerca desses adolescentes que, muitas vezes, são invisibilizados, mas que são afetados pelos estereótipos e demandas performativas de gênero presentes na sociedade contemporânea.

A temática tratada torna possível um avanço no desenvolvimento dos conhecimentos acerca da masculinidade aplicada à figura do adolescente infrator, realizando um recorte e intersecção, ou seja, uma articulação entre as esferas de gênero-raça-classe-geração, bem como a importância de intervenções psicossociais nesse contexto, algo que ainda carece de mais informações e problematizações na literatura, apresentando dados relevantes e representativos, permitindo a expansão dos objetivos e temas aqui discutidos, respeitando os padrões éticos exigidos para realizações de pesquisas na área da saúde.

METODOLOGIA

Utilizando, de forma parcial, o Modelo de *Design Instrucional* – ADDIE (Filatro, 2004), as etapas de realização do presente material envolveram: análise, voltada para o entendimento das necessidades e definição de conteúdos; desenho, onde foram definidos os objetivos e planejamento da elaboração do material; desenvolvimento, referindo-se à produção teórica do artigo e do material educativo propriamente dito. As duas últimas etapas do ADDIE (2004), que consistem na Implementação e Avaliação, não se aplicam, visto que se trata de uma pesquisa e produto teórico. Assim, o primeiro estágio, análise, envolveu a escolha do tema, caracterização do público-alvo e dos recursos à disposição dos pesquisadores. No segundo estágio, desenho, por meio de uma revisão integrativa de literatura, no período de outubro de 2020 a fevereiro de 2021, foram definidas as temáticas relevantes para a pesquisa, tais como família, adolescentes em conflito com a lei, masculinidades, juventude, uso de drogas e políticas públicas, sendo as mesmas organizadas e articuladas entre si. Para isso, pesquisaram-se artigos com os seguintes descritores nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico e Pepsic: gênero, masculinidade, dinâmicas grupais, adolescência e medidas socioeducativas, com publicações em português e inglês que correspondem ao período dos últimos 5 anos, de 2015 a 2020. No terceiro estágio de desenvolvimento, com a ajuda de um profissional de comunicação, utilizando a plataforma Canva e o programa Photoshop, foi elaborado o guia, tendo como base as etapas anteriores da pesquisa e as diretrizes dos autores.

A dinâmica grupal aparece como uma proposta para melhor manejo dos assuntos importantes que serão debatidos. O trabalho com adolescentes não é algo tão simples, tendo em vista que estão formando suas identidades e buscando autonomia, e é mais delicado ainda quando se pensa no cenário do adolescente infrator. Em grupo, o acesso a esses sujeitos é facilitado, pois o espaço se mostra como um lugar de troca mais horizontal, apresentando uma

maior reflexão e identificação com as situações vivenciadas por outros ali presentes. Isso porque, por se tratar de uma população homogênea, isto é, idades, gênero, contextos sociais e histórias de vida similares, mas não iguais, o desenvolvimento grupal pode auxiliar, também, nas questões referentes à aprendizagem de princípios básicos como a cooperação e respeito aos direitos individuais e coletivos.

Pensando nesses fatores, o guia educativo surge como uma ferramenta essencial para o trabalho dos profissionais do sistema socioeducativo, levando em consideração que o material tem a finalidade de comunicar informações, complementando o ato de ensinar, e influencia nas discussões e na aplicabilidade do tema apresentado. Entende-se que a masculinidade afeta a vida desses adolescentes de maneira negativa, visto que podem desenvolver posturas danosas a si e aos outros, como, por exemplo, comportamentos abusivos em um relacionamento. A psicologia e o profissional dessa área se fazem presentes quando compreendem que essa questão prejudica diretamente a saúde mental do sujeito, além de fazer um trabalho psicoeducativo, já que pode ser uma forma de intervenção por meio do conhecimento sobre as histórias compartilhadas e do desenvolvimento de possíveis habilidades para enfrentarem as situações conflituosas e terem uma vida mais vigorosa em sociedade.

DESCRIÇÃO DOS CONTEÚDOS ENCONTRADOS NOS ARTIGOS (2015 A 2020)

Do ponto de vista histórico, é possível notar que os estudos de gênero se iniciaram com a chamada segunda onda do movimento feminista. Contudo, a intensificação desse debate ocorreu a partir dos anos 2000, tendo como principal base os estudos da autora Judith Butler (2019) e, ao decorrer do tempo, se expandiu e continua sendo objeto de estudo até os dias atuais. Isso se comprova pela vasta quantidade de produções voltadas para o tema no intervalo entre os anos pesquisados, que demonstra, também, a existência de caminhos e discussões necessárias dentro desse âmbito atualmente. Um desses caminhos encontrados pelos autores se refere à questão da masculinidade. Essa temática passou a chamar atenção a partir do momento em que se voltaram os olhos para as influências das relações de gênero nos homens.

Dessa forma, as produções demonstram como a masculinidade forma esses sujeitos masculinos e quais os aspectos que interferem na subjetividade deles. Além disso, mais recentemente, é possível encontrar na literatura uma contestação e problematização acerca do termo ‘masculinidade tóxica’, amplamente utilizado no início dos estudos sobre esse tema. Isso porque, de acordo com teóricos da área, empregar o referido termo se torna redundante, pois o teor prejudicial da masculinidade já é subentendido pelo seu próprio conceito. Dessa forma, a nomenclatura mais adequada atualmente seria ‘masculinidade’, abandonando, assim, o seu antigo complemento.

Ainda nesse âmbito, a Psicologia se mostra como uma vertente que demonstra bastante interesse pelo tema, visto que esse campo se propôs a entender os impactos desses padrões de comportamentos nos adolescentes, em seus meios sociais e nos ideais do que é ser homem, já que impactam esses sujeitos de maneira significativa e nos mais diversos contextos de suas vidas, seja em seu modo de vivenciar a sexualidade ou cuidar da saúde. Os estudos na área tiveram um aumento significativo nos últimos anos, dando destaque à abordagem psicanalítica que vem avançando nessas discussões. Entretanto, a literatura permanece estagnada, pois a grande maioria das produções é do início da década, em que o cenário era diferente do atual e, por isso, se faz extremamente necessário a dedicação para esse aspecto tão estrutural como a masculinidade, procurando compreender a repercussão disso na sociedade vigente.

Contudo, a intersecção entre o debate de gênero com a adolescência ainda é um tópico

escasso nas pesquisas, visto que o recorte utilizado é, na maioria dos artigos, histórico e voltado para a fase adulta. Além disso, o olhar para essa temática com adolescentes em conflito com a lei é praticamente inexistente, tanto no que diz respeito aos atos infracionais quanto à masculinidade. Do mesmo modo, o recorte geracional não encontra muita literatura, pois a maioria foca no impacto do ato infracional nas famílias e no próprio autor, mas deixa de lado a questão da influência geracional nessa prática e da masculinidade em si nesse contexto. Ao tratar de recortes geracionais, o que se encontra vastamente são questões relacionadas ao uso de drogas, seus impactos e possíveis acompanhamentos dessas famílias, bem como a importância da formação de grupos com as mesmas.

Com relação à intersecção de raça, os artigos tratam muito mais das questões quantitativas, levantando dados sobre os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas e traçando ‘perfis’, sendo mostrado que a maior parte desses sujeitos é de baixa renda e escolaridade, além de se autodeclararem pretos e pardos. Ainda nesta temática, alguns artigos realizam interpretações das razões existentes por trás de tais índices percentuais, frisando a realidade das desigualdades e vulnerabilidades às quais essas populações estão sujeitas, além de desmistificar a ideia de famílias ‘desestruturadas’ que reforçam certos estereótipos e a noção de que há um tipo específico de arranjo familiar que dá margem para a realização de atos infracionais.

A discussão acerca das medidas socioeducativas, com relação às suas aplicabilidades e à masculinidade, é escassa e alguns temas debatidos nessas produções foram a efetividade do sistema socioeducativo, a visão dos adolescentes sobre a atuação das equipes técnicas de modo geral e, ainda, sobre os efeitos da masculinidade e do ideal de virilidade nos agentes socioeducativos. No que diz respeito ao fazer do psicólogo dentro do sistema socioeducativo, ainda se encontra uma certa escassez de artigos que problematizam a questão e as normas técnicas referentes ao trabalho desse profissional foram definidas pelo órgão representante da categoria, o Conselho Federal de Psicologia, em 2010, sendo a obra não contabilizada nesta revisão de literatura, devido ao ano de sua publicação.

RESULTADOS

Os resultados serão apresentados no formato de material educacional sob forma de guia de orientação, apresentado a seguir.

ANTES DE TUDO, O QUE É GÊNERO?

O conceito de gênero é visto como uma categoria que analisa as relações sociais de poder entre o masculino e o feminino, o que leva a uma diferenciação dos papéis sociais e desigualdades entre homens e mulheres não tendo como base as diferenças anatômicas dos corpos (FAUSTINO, 2019). Mas, aprender a ser homem e ser mulher abrange histórias, experiências e subjetividades que nunca são formadas sozinhas. Ou seja, há influência dos meios social, cultural, racial e geracional na construção da identidade de gênero.

Dessa forma, entende-se gênero como uma construção social e cultural, de ordem subjetiva, pois ela pode ser reforçada ou não por diferentes contextos no qual o sujeito está inserido, bem como pelas instituições, como família, igreja e escola, para dar exemplos (BUTLER, 2019). Partindo desses pressupostos, é visto socialmente que o gênero masculino, historicamente, tem como sua característica principal a masculinidade julgada como o símbolo de sua virilidade.

O QUE É MASCULINIDADE?

Assim como o conceito de gênero, a masculinidade é construída social e historicamente nas relações estabelecidas pelos indivíduos em seus diferentes meios sociais. A masculinidade é algo que vem sendo atrelado aos modelos conservadores do que é ser homem. Espera-se que esse seja viril, machista, que se prove constantemente por meio de comportamentos agressivos ou de risco em seu cotidiano, além de apresentar, muitas vezes, distância emocional em seus atos (GUERRA et al, 2015).

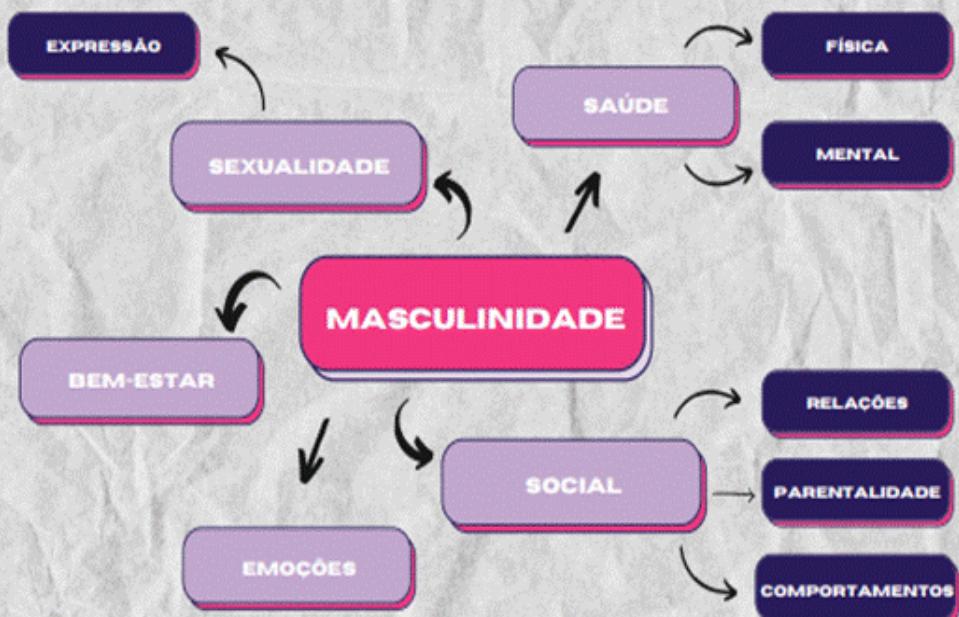
Esse conjunto de modelos comportamentais tem, muitas vezes, resultados que afetam a vida desses homens de maneira negativa, visto que os mesmos podem desenvolver posturas danosas a si e aos outros, como, por exemplo, a negligência com a própria saúde e comportamentos abusivos em um relacionamento (SEPARAVICH; CANESQUI, 2013).

Fonte: <https://www.istockphoto.com/br>



1. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

SOBRE QUAIS ÁREAS A MASCULINIDADE ATUA OU INFLUENCIA?



QUAIS AS CARACTERÍSTICAS DA MASCULINIDADE?

Dentro desses modelos de masculinidade há os que encontram maior legitimidade social (VASCONCELOS et al, 2016), de forma a torná-los referências para as construções de comportamentos, atitudes e valores.

Na cultura e sociedade brasileira, por exemplo, as principais características podem ser divididas em dois modelos: aqueles que se baseiam no antagonismo à figura da mulher, como a proibição do homem chorar e não poder demonstrar seus sentimentos; e nos discursos que sustentam um ideal de universo masculino, como a noção de coragem, força, virilidade, provedor da família e a heterossexualidade (VASCONCELOS et al, 2016).

Fonte: <https://www.istockphoto.com/br>

2. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos

COMO ESSAS QUESTÕES AFETAM O ADOLESCENTE?

A adolescência além de ser um momento de transição na vida do sujeito é, também, uma fase de descobertas e, acima de tudo, busca por sua identidade. Tudo é novo! Seu corpo passa por mudanças, novas responsabilidades são atribuídas a ele, novos estranhamentos e maneiras de se relacionar, novas formas do mundo o enxergar e se colocar para ele. E é aí que se pode falar sobre masculinidade, pois ela vai estar ligada a uma série de simbolismos que vão impor a esse adolescente a reprodução de padrões e papéis já estabelecidos na esfera social e cultural (VASCONCELOS et al, 2016).

Obviamente que o entendimento dessas questões, bem como as relações de gênero, não é alcançado de forma igual para todos (BUTLER, 2019). Os contextos nos quais os adolescentes estão inseridos são diferentes e suas vivências e experiências divergem. Então, como esperar que todos construam suas compreensões da mesma forma?

Contudo, é preciso entender que as dinâmicas sociais e as concepções no modelo de ser homem vão impactá-los de maneira significativa nos mais diversos contextos de suas vidas, seja em seu modo de vivenciar a sexualidade ou cuidar da saúde (GOMES, 2011). Por isso a importância de se falar sobre isso!

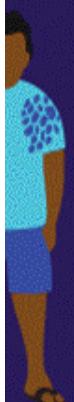


Fonte: <https://www.istockphoto.com.br>

EO ADOLESCENTE INFRATOR?

Mesmo estando, em tese, privado temporariamente desse contato com a sociedade, a masculinidade opera sobre o cotidiano do adolescente em conflito com a lei. Isso porque as problemáticas existentes no tecido social, ou seja, "do lado de fora", muitas vezes, também estão presentes dentro de uma unidade de internação. Um exemplo clássico é a necessidade de demonstrações de força e poder constantes, tanto no que parte dos adolescentes, quanto dos agentes socioeducativos e equipe, de forma que é defendida a ideia de que é preciso ser firme para ser respeitado; reivindicar e provar de seu poder para reafirmar sua posição naquele cenário (OLIVEIRA, 2001).

A masculinidade, assim como outras formas de relações e opressões sociais, se mostram como dispositivos de controle e segurança, influenciando na dinâmica institucional e na subjetividade desses adolescentes (FOUCAULT, 1993).



Fonte: <https://www.istockphoto.com.br>

3. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

POR QUE A FORMAÇÃO DE DINÂMICAS GRUPAIS?

O trabalho com adolescentes não se mostra algo fácil. A própria característica da adolescência como uma fase de descobertas e busca de autonomia comprova isso (VOLPI, 2011). Contudo, algumas estratégias podem ser tomadas para facilitar essas intervenções e, dentre elas, selecionamos a formação de grupos, tanto operativos, com execução de alguma tarefa, quanto informativos.

Isso porque, em grupo, o acesso ao adolescente é facilitado, pois aquele espaço se mostra como um lugar de troca mais horizontal, apresentando uma maior reflexão e identificação com as situações vivenciadas por outros ali. Ou seja, a partir do momento em que ele percebe que um de seus pares passou pela mesma experiência que a sua, a tendência é que o adolescente se abra e troque vivências (SANTOS, 2015).

Além disso, por se tratar de uma população homogênea, isto é, idades, gênero, contextos sociais e histórias de vida similares, mas não iguais, o processo grupal pode auxiliar também, nas questões referentes à aprendizagem de princípios básicos como a cooperação e respeito aos direitos individuais e coletivos (OLIVEIRA, 2001).



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br>

SUGESTÕES DE DINÂMICAS

A partir desse tópico, apresentaremos algumas dinâmicas que podem ser usadas durante o trabalho com grupos de adolescentes ao se tratar de temas voltados para o debate acerca da masculinidade e seus impactos nessa população, além de referências que ajudem no embasamento de tais questões.

Dessa forma, sugere-se que, antes mesmo do início da condução dos grupos, sejam realizados encontros preparatórios com a equipe, a fim de facilitar a apropriação dos conteúdos que irão ser trabalhados, preparando-os e habilitando-os para sua aplicação.

Observações:

1. Usar o mínimo possível de termos técnicos, adequando a linguagem para o público alvo, os adolescentes.
2. Adaptar as dinâmicas e assuntos de acordo com a unidade e local em que você trabalha.
3. É importante, ao começo de cada formação grupal, a formação de um acordo de convivência, construído pela equipe e adolescentes, com o objetivo de contribuir para o senso de coletividade e responsabilidade entre os pares.

4. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

DINÂMICA 1: CONHEÇA E ENTENDA SEU CORPO!

Temática: Saúde física e bem estar.

Duração: 20 a 30 minutos.

Objetivo:

Compreender o conceito de saúde física como algo muito além do teor estético, abarcando questões relacionadas a doenças sexualmente transmissíveis (ISTs) e contribuindo para o aumento do conhecimento dos adolescentes sobre o funcionamento de seu próprio corpo, além de incentivar, com o jogo, a coletividade.

Justificativa:

O corpo humano traz marcas, simbolismos, histórias e um organismo que mesmo que seja parecido para todos, contém um funcionamento próprio. Para alguns um medicamento funciona, para outros, não. A saúde é um tópico amplo e abarca muitos aspectos da vida humana e nem todos têm recurso para se cuidar, seja por falta de informações ou questões financeiras. Quando se trata da saúde do homem, a vivência de uma masculinidade afeta o autocuidado. O homem tem que seguir um ideal de que ele é estável, forte e imutável, pois é uma espécie de *modus operandi* da masculinidade que a sociedade define, orientando certo agir sexual/social dos indivíduos; o que acaba influenciando o desenvolvimento de quadros mais ou menos graves nos índices de morte por doenças específicas na população masculina.

— 14

Sugestão para maior entendimento por parte dos adolescentes e recursos necessários:

Relacionar o órgão apontado como foco à patologia em questão, por exemplo: realizar conexões entre o coração e doenças cardíacas, como pressão alta.

Para as discussões acerca desse tema, recomenda-se estar presente alguma representação do corpo humano pois, dessa forma, o recurso visual auxilia no debate sobre órgãos e doenças de forma geral, dando-se destaque às que mais acometem os homens, como câncer de próstata. Após essa discussão, torna-se possível afunilar para as doenças mais comuns identificadas dentro da unidade, além de frisar a importância do autocuidado. É fundamental que o adolescente se sinta seguro para procurar ajuda!

Sem julgamentos e sem preconceitos. O incentivo ao cuidado com a saúde é importante nessa fase de desenvolvimento.

Desse modo, os materiais necessários para realização da atividade são, além do recurso visual, bexigas. Recomenda-se, também, que essa segunda fase seja realizada em um espaço em que eles possam se movimentar e circular como forma de incentivar atividade física e os (re)tirar da ociosidade. Assim, os adolescentes devem ser separados em grupos, escolhendo um nome que os represente e formando filas separadas, lado a lado. De frente a eles, a distância, ficarão duas pessoas da equipe técnica segurando os balões cheios de ar, o adolescente assim que o estourar, responde à pergunta e ganha um ponto.

Ao final da dinâmica seria interessante recompensá-los (lanche, doces, etc) como forma de reforço positivo.

5. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos

Possíveis perguntas simples e respostas simples:

- Para que serve o coração? Para bombear sangue para o nosso corpo, nos deixando vivos.
- Quais os sintomas do câncer de próstata? Dor no quadril, vontade de fazer xixi o tempo todo à noite, sangue na urina etc.
- Qual a importância de se manter saudável? Para viver uma vida melhor, sem complicações no corpo, podendo, também, realizar as atividades de preferência.
- Qual a importância de procurar ajuda quando sentir algo diferente no corpo? Para ajudar a prevenção de doenças ou do agravio das mesmas.



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br>

Algumas referências sugeridas sobre o tema:

COUTINHO, M. P. L. et al. A relação entre masculinidade e câncer de próstata: uma revisão sistemática. Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB, n. 43, p. 11-22, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/2278>.

GOMES, R. (Org). Saúde do homem em debate. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

MACHIN, R. et al. Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 16, n. 11, p. 4503-4512, 2011. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2011.v16n11/4503-4512/#ModalArticles>.

RANGEL, E. M. et al. "PORQUE EU SOU É HOMEM!": uma análise dos impactos da construção social da masculinidade no cuidado com a saúde. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, Aracaju, v.6, n.2. p. 243-252, 2017. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/4517/2454>

6. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

DINÂMICA 2: APRENDENDO A REDUZIR DANOS

Temática: Redução de danos.

Duração: 20 a 30 minutos.

Objetivo:

- Estimular o senso crítico acerca das noções do que são drogas e quais os efeitos dela sobre o organismo.
- Compreender o conceito e contexto da redução de danos, debatendo sobre o uso de drogas, desde os fatores que influenciam adolescentes a fazer o uso até possíveis impactos de tal prática na vida dos mesmos.

Justificativa:

É sabido que a masculinidade opera em diferentes cenários na adolescência e, entre eles, está uma possível naturalização e/ou excesso da experimentação e do uso de álcool e outras drogas, bem como uma utilização que põe em risco a vida do usuário, visto que o mesmo precisa se provar como um ideal de "macho" no meio em que está inserido.



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br>

Sugestão para maior entendimento por parte dos adolescentes e recursos necessários:

Utilizar termos conhecidos pelos mesmos, convidando-os a compartilhar suas próprias visões e experiências com as substâncias. Além disso, os facilitadores também podem participar ativamente da atividade, na tentativa de auxiliar na cooperação e desmistificar a imagem da equipe como autoridades alheias aquele ambiente. É fundamental que a equipe não se coloque num lugar de "moralização" ou condenação do uso de drogas e sim estarem atentos a como essa questão se coloca em nossa cultura.

Para realização da atividade, são necessários alguns materiais, tais como folhas de papel A4 em branco, lápis e canetas e uma cartolina. Além disso, por se tratar de um trabalho manual, é preciso que, no local, tenha a disponibilidade de, ao menos, uma mesa com cadeiras que acomodem a todos.

Por se tratar de um grupo homogêneo, propõe-se a elaboração de dinâmica onde os participantes são divididos em trios, sendo demandado deles que conversem, entre si, sobre seus gostos pessoais e suas experiências, bem como a anotação ou representação (caso algum membro não saiba escrever) das drogas conhecidas por eles, perguntando, inclusive, quais os nomes que eles usam para algum tipo de droga.

Ao final, esses pontos serão apresentados e discutidos pelo grande grupo, a fim de puxar reflexões acerca da cooperação, respeito e importância de desmistificar alguns estereótipos, como os que atingem a equipe.

Possíveis perguntas disparadoras



- Quais diferenças e semelhanças foram encontradas durante as trocas do grupo?
- Como vocês enxergam essas diferenças ou semelhanças?
- Como vocês entendem o uso de drogas dentro de uma comunidade?
- Ao fazerem uso, vocês dividiam com alguém os instrumentos (seringa, cigarro, etc)?
- Para vocês, existe alguma diferença no uso e na forma dele entre homens e mulheres?
- O uso de drogas, para vocês, representa o que? O que vocês relacionam a isso ou a falta disso?

Fonte: <https://www.istockphoto.com.br>

Algumas referências sugeridas sobre o tema:

LOPEZ, S. B.; MOREIRA, M. C. N. Políticas Nacionais de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens e à Saúde do Homem: interlocuções políticas e masculinidade. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 18, p. 743-752, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300020&lng=en&nrm=iso.

MENDOZA, A. O uso de álcool na adolescência, uma expressão da masculinidade. Dissertação (Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-28042005-094435/publico/DO-Mendoza_A_Z.pdf.

MORAES, M. Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde. Instituto PAPAI: Recife, 2011.



Fonte: <https://www.istockphoto.com.br>

8. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

DINÂMICA 3: TROCA DE PAPÉIS

Temática: Gênero e masculinidade.

Formato: Inversão de papéis (Psicodrama).

Objetivo:

- Compreender as problemáticas acerca do debate de gênero, sexualidade e a masculinidade, tais como a violência de gênero, por meio da dinâmica de 'Inversão de Papéis', visando promover a quebra de estigmas e assim oportunizar um maior bem-estar no cotidiano das relações interpessoais dos adolescentes.
- Refletir e auxiliar na compreensão do conceito de gênero com os adolescentes e, com essa experiência, promover o combate à violência e desigualdades de gênero existentes nas relações interpessoais vivenciadas junto ao CASE e, possivelmente, fora dele.

Justificativa

É necessário construir um diálogo a respeito das questões que perpassam a temática de gênero, sexualidade e masculinidade, a fim de promover a quebra de estigmas e, dessa forma, oportunizar a reflexão sobre as formas de relações estabelecidas socialmente e individualmente por esses adolescentes e os impactos das mesmas em suas vidas. Além disso, ajuda a compreender como algumas práticas expõem os sujeitos a situações de vulnerabilidade.

Sugestão para maior entendimento por parte dos adolescentes e recursos necessários:

É importante a equipe, antes mesmo de iniciar as encenações entre os adolescentes, exemplificar alguma situação, tornando visível aos mesmos como a atividade deve ser conduzida quando chegar a vez deles.

A atividade será realizada em um encontro, consistindo na elaboração e apresentação, pelos participantes, de cenas cotidianas refletindo sobre os estereótipos de gênero e suas implicações, baseando-se na dinâmica psicodramática de 'inversão de papéis'. Os recursos necessários se limitam ao espaço físico e cadeiras.

Tempo a ser utilizado:

Estima-se um tempo total de 30 minutos, onde a apresentação/introdução da atividade deve durar, em média, 3 minutos; a divisão dos trios, 2 minutos; a decisão das encenações, 5 minutos; as encenações em si, tomando maior parte do tempo, precisando ser definido a duração de cada trios, não devendo essa fase ultrapassar, no total, 10 minutos; e, por fim, o debate em cima da atividade, focando nas encenações e base teórica, 5 a 10 minutos.

Possíveis situações a serem encenadas:

- Homem abordando uma mulher que passa na rua, enquanto outro observa.
- Uma mulher é xingada numa rua com muitas testemunhas em volta.
- Briga entre marido e mulher.
- Polícia chegando na casa de casal e se recusando a prestar a queixa de violência.

Perguntas disparadoras:

- Quais sensações essas situações trouxeram para vocês?
- Se estivesse no lugar de algum deles, o que você faria de diferente ou igual?
- Você já observou alguma dessas situações acontecendo na vida real? Como se comportou naquele momento?

9. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

Algumas referências sugeridas sobre o tema:

FAUSTINO, S. R. O. Navegar nas águas da socioeducação: um aprofundamento sobre gênero, sexualidades e masculinidades. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2019.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Graal: Rio de Janeiro, 1993.

SANTOS, M. A. et al. Grupo operativo com adolescentes em um núcleo da assistência social: a questão da identidade de gênero. Vínculo, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 51-58, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902015000100008&lng=pt&nrm=iso.

SILVA, A. K. L. S. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. Rev. NUFEN, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 12-25, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100003&lng=pt&nrm=iso

24

DINÂMICA 4: O TABULEIRO VIVO

Justificativa

Temática: Sexualidade e saúde.

Duração: 20 a 30 minutos.

Objetivo

Fixação das discussões atreladas a sexualidade, ISTs, prevenção de doenças e gravidez, sexo, orientação sexual e dúvidas que os adolescentes possam vir a ter.

A sexualidade é um grande aspecto da vida humana, engloba relações, atrações e vivências. É importante conversar com adolescentes sobre essa questão, pois estão em fase de desenvolvimento e independente da vida sexual ter iniciado, o jovem pode ter dúvidas, receios, medos. Relacionando com a masculinidade, conversar sobre sexualidade ajuda a quebrar tabus acerca da orientação sexual do próximo e até a própria, além da diminuição de falas e atitudes preconceituosas, a conscientização sobre ISTs e da prevenção da gravidez. Além de incentivar ao adolescente do gênero masculino a procurar ajuda tanto para tirar dúvidas, quanto para melhorar sua saúde no que diz respeito a prevenção e promoção, já que é comum homens não procurarem ajuda por ser "coisa de gente fraca", sempre se agarrando a uma imagem de virilidade inabalável.

10. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

Estratégias e recursos necessários:

É preciso a elaboração de um jogo de tabuleiro em tamanho real, além da criação de um dado grande, com 30 centímetros e até o número seis. Alguns materiais como cartolina ou papel A4 colorido serão necessários para serem feitas as casas do tabuleiro e recortes de papéis para colar em cima da cartolina com as informações. Além disso, para a realização desse jogo, é preciso um local espaçoso para que os adolescentes possam se locomover.



INÍCIO

VAMOS FALAR SOBRE SEXUALIDADE E SAÚDE?

Os adolescentes ficam nesse espaço e sorteiam o dado para ver a ordem de quem vai primeiro, caso não haja um consenso dos jogadores. Depois inicia o jogo.

VOCÊ QUER INICIAR SUA VIDA SEXUAL DA FORMA MAIS SEGURA POSSÍVEL, PARA ISSO, PROCUROU TIRAR DÚVIDAS E PEDIR AJUDA A EQUIPE TÉCNICA. VOCÊ ESTÁ COMEÇANDO BEM! AVANCE UMA CASA.

ANTES DE INICIAR SUA VIDA SEXUAL VOCÊ PROCUROU A EQUIPE PARA PEDIR CAMISINHAS E GEL LUBRIFICANTE. PARABÉNS, VOCÊ QUER FAZER SEXO SEGURO! AVANCE 2 CASAS.

RODADA DE PERGUNTA! QUais OS RISCOS DE FAZER SEXO SEM PROTEÇÃO?

"DESCOBRI QUE TENHO UMA IST, ENTÃO, AVISEI A PESSOA COM QUEM ME RELACIONO, PARA ELA BUSCAR TRATAMENTO TAMBÉM" PARABÉNS! AVANCE 3 CASAS

PARABÉNS, VOCÊ ENTENDEU QUE HOMOSSEXUALIDADE, BISSEXUALIDADE E MUDANÇA DE GÊNERO NÃO SÃO ERRADOS! INFORME A TODOS AO SEU REDOR! AVANCE 3 CASAS

VOCÊ PAROU DE TIRAR ONDA SOBRE A SEXUALIDADE DO SEU COLEGA E ENTENDEU QUE ISSO É DIFERENTE DE PESSOA PARA PESSOA! MUITO LEGAL! AVANCE 2 CASAS.

PARA CHECAR SE VOCÊ ESTÁ LIGADO(A) MESMO, O QUE É ORIENTAÇÃO SEXUAL? É POSSÍVEL ESCOLHE-LÁ?

"COMECEI A TRANSAR SÓ PRA AGRADAR A PESSOA QUE ME RELACIONO, MESMO SEM TER VONTADE" CUIDADO! NÃO DEVEMOS ABRIR NOSSO DIREITO DE ESCOLHA, QUISAS AS OUTRAS COISAS QUE VOCÊ ANDA FAZENDO SEM QUERER? FIQUE UMA RODADA SEM JOGAR PARA REFLETIR.

VOCÊ SABE QUE DEMONSTRAR CARINHO POR ALGUMÉ NÃO QUER DIZER QUE VOCÊ QUER TRANSAR COM ESSA PESSOA. ABRAÇOS E PALAVRAS BONITAS SÃO SEMPRE BEM-VINDOS! AVANCE UMA CASA

AH NÃO, VOCÊ SABE DE TODAS AS FORMAS DE EVITAR DSTS E GRAVIDEZ, MAS NÃO AS USA. POR QUE SERÁ? VOLTE PRO INÍCIO DO JOGO E REPENSE AS SUAS ATITUDES E REFAÇA SEU CAMINHO.

CHEGADA

VOCÊ ENTENDEU SOBRE ASPECTOS IMPORTANTES DA SEXUALIDADE! ESPALHE PARA TODOS, CONHECIMENTO SEMPRE É BOM!

11. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

Algumas referências sugeridas sobre o tema:

BARBOSA, L. U. et al. Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola. *Acervo Saúde*, v. 12, n. 4, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2921/1569>.

BOUZAS, I. et al. Orientação dos principais contraceptivos durante a adolescência. *Adolescência & Saúde*, v. 1, n. 2, p. 27-33, 2004. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v1n2a07.pdf>.

COSTA, M. C. O. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Jornal de Pediatria*, v. 77, n. 2, p. 217-224, 2001. Disponível em: <http://www.jped.com.br/conteudo/01-77-s217/port.pdf>.

GOMES, R. (Org). *Saúde do homem em debate*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

MARTINS, C. B. G. et al. Sexualidade na adolescência: mitos e tabus. *Ciencia y Enfermaria*, v. 18, n. 3, p. 25-37, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3704/370441811004.pdf>.

Fonte: <https://www.istockphoto.com/br>



DINÂMICA 5: VAMOS TRABALHAR A SAÚDE MENTAL!

Justificativa

Temática: Resgate da subjetividade e saúde mental.

Duração: 20 a 30 minutos.

Objetivo

Compreender a importância da saúde mental na vida dos adolescentes e estimular o sentimento de pertença e perspectiva de futuro nos mesmos.

Esse tema é necessário e talvez o mais complicado de conversar. É de extrema importância que os profissionais que forem realizar esses grupos estejam preparados mentalmente e teoricamente para o debate.

A atividade surge como uma forma deles resgatarem sua identidade e seus sonhos que foram perdidos com a internação. É inevitável que o assunto vá ficar incômodo e inquietante, por isso, é fundamental o manejo para guiar a conversa para algo que seja, no final, positivo. É preciso pensar na reinserção social do adolescente, visto que a internação o isola e o exclui da sociedade. Vale ressaltar que, provavelmente, ele sente-se desvalorizado e inferiorizado devido à posição em que se encontra. A masculinidade pode vir como fator de risco nessa situação, já que é comum esperar que o homem honre sua virilidade e seja rival do próximo, então, toda a pressão em "ser homem de verdade" prejudica mais ainda a visão que o adolescente tem de si, muitas vezes se recluindo e se recusando a falar com alguém sobre essas questões relacionadas à saúde mental.

12. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

Estratégias e recursos necessários

Para essa dinâmica, é preciso papéis, lápis coloridos e um local onde os adolescentes possam escrever ou desenhar algo como resposta para a pergunta: "Se eu não fosse quem sou hoje, quem eu gostaria de ser?", fazendo com que eles venham a refletir sobre seus planos do passado e do futuro. Após eles terem respondido no papel, outra pergunta pode ser feita: "O que te impede de ser quem você deseja?".

É, também, importante usar imagens de homens jovens (ou não) famosos (ou não) jogadores de futebol, cantores/músicos, atores, profissionais de saúde, etc. Sempre mostrando as variadas alternativas de carreiras profissionais. Pode-se utilizar de colagens em cartolinhas para melhor mostrar.

Algumas referências sugeridas sobre o tema

ALBUQUERQUE, F. P. Agravos à saúde mental dos homens envolvidos em situações de violência. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-03092012-100819/en.php>.

GOMES, R. (Org). Saúde do homem em debate. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

ROCHA, L. B. A influência das relações familiares no comportamento infrator de adolescentes. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Escola de Direito e Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica, Goiás, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/187>.

SANTOS, M. C. A saúde mental de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto: abordagens das equipes técnicas. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215609>.

SCHREINER, G. A construção cultural dos papéis sociais: Adolescência, masculinidade e conflito com a lei. Apostila do Curso de Trabalho Social com Adolescentes e suas Famílias em Conflito com a Lei da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

13. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim do guia, mas não no fim da discussão sobre masculinidade! Esse tópico deve ser falado sempre que possível para auxiliar os adolescentes na construção de sua identidade.

Retomem os assuntos com eles, verifiquem se eles entenderam tudo que foi trazido à tona. Repitam a atividade se for necessário, repitam a explicação, ajude-os a esclarecer dúvidas, pode ser uma experiência rica tanto para eles quanto para as equipes. Destaca-se aqui, também, a importância da escuta desses adolescentes! Afinal, as dinâmicas são apenas recursos para a fala e reflexão! Além disso é interessante ressaltar que eles podem procurar espaços individuais na instituição, caso queiram falar mais sobre os assuntos tratados nas oficinas!

Mas e afinal, o que é ser homem?
Boa sorte!



Fonte: <https://www.istockphoto.com.br>

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FAUSTINO, S. R. O. Navegar nas águas da socioeducação: um aprofundamento sobre gênero, sexualidades e masculinidades. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2019.
- FILATRO, A. Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia. São Paulo: SENAC, 2004.
- GUERRA, V.M. et al. Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra. Psicologia e Saber Social, Espírito Santo, v. 4, n. 1, p. 72-88, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psisabersocial/article/view/14840/12963>.
- SANTOS, M. A. et al. Grupo operativo com adolescentes em um núcleo da assistência social: a questão da identidade de gênero. Vínculo, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 51-58, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902015000100008&lng=pt&nrm=iso.
- SEPARAVICH, V. M.; CANESQUI, A. M. Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. Saúde Soc., São Paulo, v.22, n.2, p.415-428, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902013000200013&script=sci_abstract&tlang=pt.
- VASCONCELOS A.C.S et al. 'Eu virei homem!': a construção das masculinidades para adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva. Saúde Soc., São Paulo, v. 25, n. 1, p. 186-197, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-129020160001001865.
- OLIVEIRA, CS. Sobre vivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2001.
- VOLPI, M. O adolescente e o ato infracional. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

14. O que é ser homem? Guia educativo para psicólogos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal proposta da criação deste guia foi a de ampliar a discussão acerca da masculinidade dentro do contexto de atendimento a adolescentes em conflito com a lei, oferecendo subsídios para profissionais do sistema socioeducativo auxiliarem na reflexão sobre padrões estereotipados desses comportamentos com tais sujeitos. O mesmo possibilita uma compreensão das medidas socioeducativas e do contexto social que envolve o adolescente infrator, abrindo margem para interpretações que possuam recortes interseccionais, sejam eles de raça, gênero, geração ou orientação sexual, bem como dispõe de diferentes formas de intervenção, por meio de dinâmicas grupais, que viabilizem esses diálogos entre equipe e adolescentes.

O estudo visou tal conhecimento ao pensar nas possibilidades de atuação dos profissionais de psicologia no sistema socioeducativo, de modo a auxiliar no trabalho desenvolvido dentro das unidades, propiciando assim espaços de discussões e reflexões acerca do tema, apresentando o conceito de masculinidade e as formas como ele se apresenta na sociedade, no meio adolescente e na socioeducação.

No que tange à prevenção e promoção de saúde e direitos nesses locais, a expectativa é de que seja dada a real importância à temática, principalmente ao se levar em conta a existência forte da mesma nesse contexto, tornando esses comportamentos, muitas vezes, danosos, visíveis e contribuindo para uma melhor escuta e reconhecimento dessas questões, tanto pelos adolescentes quanto pelas equipes e profissionais. Além de que, a partir do (re)conhecimento, fica possível que os mesmos desenvolvam suas próprias formas de enfrentamento e empoderamento de tais problemáticas, auxiliando numa melhor qualidade de vida e de relações consigo e com os outros.

Dessa forma, acredita-se que o presente estudo poderá contribuir para o entendimento do público-alvo acerca da masculinidade e das maneiras como ela influencia em suas vidas.

REFERÊNCIAS

- Ariés, P. (1986). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Assis, S. G., & Constantino, P. (2005). Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 81-90. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a08v10n1.pdf>
- Bourdieu, P. (1997). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand.
- Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. (1990). Brasília. Recuperado de www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm
- Butler, J. (2019). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Cadilhe, A. J. (2018). “Uma conversa de homem pra homem, ele disse”: performances de masculinidades em narrativas cariocas ficcionais. *REVELL*, 2, 37-59. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/2807>

- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo, SP: Publifolha.
- Campista, V. (2004). Adolescentes fora-da-lei: o desejo (em)cena. *Revista Vértice*, 6(2), 117-130. Disponível em: https://www.academia.edu/44712419/Adolescentes_fora_da_Lei_O_desejo_e_m_cena
- Ciarallo, C. R. C. A., & Almeida, A. M. (2009). O Conflito entre Práticas e Leis: a Adolescência no Processo Judicial. *Fractal Revista Psicologia*, 21(2), 613-63. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000300014&lng=en&nrm=iso.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolêscencia & Saúde*, 2(2), 6-7. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2a02.pdf>
- Faustino, S. R. O. (2019) Navegar nas águas da socioeducação: um aprofundamento sobre gênero, sexualidades e masculinidades. *Revista Artes de Educar*, 5(1), 8-29. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/download/39657/29611>
- Filatro, A. (2004). *Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia*. São Paulo, SP: SENAC.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo, SP: FBSP.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2017). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo, SP: FBSP.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Herz, M., & Johansson, T. (2015). The Normativity of the Concept of Heteronormativity. *Journal of Homosexuality*, 62(8). Available in: https://www.researchgate.net/publication/272842543_The_Normativity_of_the_Concept_of_Heteronormativity
- Lima, S. C. P. (2003). *O bem e o mal da lei: a liberdade assistida sob a perspectiva do adolescente infrator*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, PE, Brasil. Recuperado em português de <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9945>
- Marinoski, L. D. (2016). *O Adolescente Infrator na Mídia TV: Diálogos Interdisciplinares*. Dissertação de pós-graduação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, PR, Brasil. Recuperado em português de <http://tede.unioeste.br:8080/tede/handle/tede/2586>
- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Delinquência juvenil: uma revisão teórica. *Acta Colombiana de Psicología*, 13(2), 69-77. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552010000200007&lng=en&nrm=iso

Oliveira, P. A. S., & Alves, L. (2017). Tensionando infância, gênero, sexualidade e educação: uma narrativa sobre o percurso de um movimento de pesquisa. *Fazendo Gênero*, 13, 1-12. Recuperado de http://www.enwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499427130_ARQUIVO_ArtigoFazendoGenero.pdf

Ozella, S., & Aguiar, W. M. J. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Caderno Pesquisa*, 389(133), 97-125. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000100005&lng=en&nm=iso

Praun, A. G. (2011). Sexualidade, gênero e suas relações de poder. *Revista Húmus*, 1(1), 55-65. Disponível em:
<https://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641>

Rocha, L. B. (2020). *A influência das relações familiares no comportamento infrator de adolescentes*. Dissertação de graduação, Pontifícia Universidade Católica, Goiânia, GO, Brasil. Recuperado em <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/187>

Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos Psicologia*, 22(1), 33-41. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100005&lng=en&nm=iso

Valente, M. M. D. (2012). *Empatia e agressividade na adolescência e sucesso escolar*. Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Vinuto, J., Abreo, L. O., & Gonçalves, H. S. (2017). No fio da navalha: efeitos da masculinidade e virilidade no trabalho de agentes socioeducativos. *Plural*, 24(1), 54-77. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/126635>

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460-482. Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>

World Health Organization. (1986). *Study group on young people's health: a challenge for society*. Geneva, CH: WHO.